3 1761 06184682 0

EMPREZA EDITORA "LUMEN"

CRAVOS DE PAPEL

Cristalisações da Morte, 1884. 1 vol.
Canções d'Abril, 1884. 1 vol.
Jesus de Nazareth 1885. 1 vol.
Per umbram, 1887. 1 vol.
Horas tristes, 1888. 1 vol.
Oaristos, 1.ª edição, 1890; 2.ª edição, 1900. 1 vol.
Horas, 1.ª edição 1891; 2.ª edição, 1912. 1 vol.
Silva, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911. 1 vol.
Internulio, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1911. 1 vol.
Belkiss, 1.ª edição, 1894; 2.ª edição, 1910. 1 vol.
Tiresias, 1894. 1 vol.
Sagramor, 1895. 1 vol.
Salomé e outros poemas, 1.ª edição, 1896; 2.ª edição, 1911 1 vol.
A Nereide de Harlem, 1896. 1 vol.
O Rei Galaor, 1897. 1 vol.
Saüdades do Céu, 1899. 1 vol.
Constança, 1900. 1 vol.
Depois da Ceifa, 1901. 1 vol.
Poesias escolhidas, 1902. 1 vol.
A Sombra do Quadrante, 1906. 1 vol.
O Annel de Policrates, 1907. 1 vol.
A Fonte do Sátiro e outros poemas, 1908.
Poesias de Goethe, 1909.
O Filho Pródigo, 1910.
O Cavaleiro das Mãos Irresistiveis, 1916.
Camafeus Romanos, 1921.
A Tentação de São Macário, 1922.
Canções desta negra vida, 1922.

No prelo:

A Mantilha de medronhos.
Descendo a encosta.
A Caixinha das cem conchas.
Chamas duma candeia velha.

CRAVOS DE PAPEL

POR

EUGENIO DE CASTRO

«LVMEN»
EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA
LISBOA — PORTO — COIMBRA

1922

LIBRARY
AUG 2 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

Composto e impresso nas oficinas da "LVMEN,,
R. Ferreira Borges, 103 a 111 — Coimbra

Desta edição fez-se uma tiragem especial de quinze exemplares numerados, sendo dez em papel Whatman (n.os 1 a 10), e cinco em papel Ingres (n.os 11 a 15), todos rubricados pelo autor.

A MEUS IRMÃOS
MARIA LUISA, AIRES, EUGENIA,
LUIS E ERMELINDA
E
A MEMORIA
DE MEUS IRMÃOS FREDERICO E AFONSO
E DA MINHA GEMEA,
QUE,
MORRENDO AO NASCER,
NÃO CHEGOU A TER NOME NA TERRA,
CONSAGRO
ESTES VERSOS FEITOS EM HONRA E LOUVOR
DA
NOSSA LINDA PÁTRIA DOLORIDA E RISONHA.
E. DE C.

Cravos de papel, com trovas,
Sois portugueses de lei:
Viajando por longes terras,
Nunca por lá vos topei.

O CRAVO DE PAPEL

Cravo de papel de sêda,
Com delgado pé de arame,
Nenhuma abelha o beijou
Fugida do alado enxame.

Fina serrilha acairela
Suas pétalas de lume :
Vermelho, p'la côr, engana,
Mas, falso, não tem perfume.

Feito por mão feminina,
Quem o fez com tal primor,
Talvez nêle se pintasse,
Dizendo amar sem amor...

Á laia de bandeirola,
Ostenta, acordando fados,
Uma quadrinha com versos
Cheios d'amor, mas errados.

Nêsse trajo, a arder se vê
Em ardente romaria.
Um Manoel o compra e of'rece
Á sua noiva, Maria.

Mas a mãe da noiva observa
Em seu materno temor :
— « Quem um cravo falso dá,
« Dá decerto um falso amor ! »

Manoel, que ama de-veras,
Responde com ansiedade :
— « Se êste cravo é de mentira,
« Meu amor é de verdade !

« Não seja assim, tia Rosa,
« Tão rabujenta e cruel :
« Tenha confiança em mim
« E no cravo de papel.

« Ainda que seja d'oiro,
« A oferta de quem quer bem
« Vale mais pelo que diz
« Do que p'lo pêso que tem.

« Êste cravo, sendo falso,
« Vence os cravos verdadeiros,
« Cuja côr, cujo perfume
« São dôces mas passageiros.

« Não diga mal, tia Rosa,
« Dêste cravo que é honrado :
« Se êle nasceu sem perfume,
« Tem o do amor com que é dado ! »

Ouvindo Manoel, Maria
Desfalecia d'amor,
E, sôbre o seu seio, o cravo
Par'cia um santo no andor.

Manoel cumpriu a palavra,
Foi firme nos seus afectos ;
Casou, e morreu velhinho,
Deixando filhos e netos.

E Maria também velha,
Viuva do Manoel,
Levou p'ra a cova, ainda fresco,
O seu cravo de papel.

TRISTE HISTÓRIA DUMA ROSA

Rosa... Rosinha... Rosita,
Nomes que eram flor's cheirosas,
Tinha-os todos certa moça
De pel' de nardos e rosas.

Sua pel' rosada e branca,
Que altos reis fizera escravos,
Par'cia um rio de leite
Reflectindo acêsos cravos.

Fogo coado por gêlo,
Tal pel', de causar delírios,
Era um desmaio de rosas,
E um roseo pudôr de lírios.

Pel' de fruto rescendente,
Pel' de estrêla e pel' de flor,
Era uma chama com frio,
Neve a morrer de calor.

Donzela, Rosa era rosea...
Mas quando emfim foi beijada
P'la bôca dum noivo terno,
Ficou rosinha encarnada.

Encarnadinha, vencia
Todas as rosas da terra!
Mas veio a guerra... e o seu noivo
Lá foi, fardado, p'ra a guerra!

Na hora da despedida
(Há horas bem dolorosas!)
Floriu-lhe a testa com beijos
E a carabina com rosas...

Vendo-o partir finalmente,
Em manhã serena e bela,
Rosa fez-se rosa-chá,
Rosinha d'oiro, amarela.

Amarelinha e saudosa,
Bem mostrava o seu desgôsto:
Era o oiro das saüdades
Que lhe amarelava o rosto.

Ai... Mas um dia o carteiro,
Vindo triste pela estrada,
Tráz-lhe uma carta de França,
De luto negro tarjada!

Antes de ler, adivinha
A tremenda dôr que a espera:
Sendo noiva, era viúva,
Seu lindo noivo morrera!

Nem uma lágrima verte,
Nem um só ai se lhe arranca:
Rosa é rosa... mas agora,
Para sempre... rosa branca!

O SUÃO

Em tarde quente, de agosto,
Do sol na agonia flava,
Soprou, de súbito, um vento
Soturno, que amolentava.

O Serafim, conversando
No cruzeiro co'a comadre,
Clama : — « Cá temos o suão,
Que queima a vinha do padre ! »

— « Que é isso ? » pregunta a velha,
Que foi bem bonita em moça ;
Volve logo o Serafim :
— « Não sabe ? Pois então ouça ! »

E assentado num degrau
Da cruz doirada p'lo ocaso,
Limpando o suor com o lenço,
Contou o seguinte caso.

O Damião das Casas-Novas,
Sem ter altar, era um santo ;
Era no dar um mãos-rôtas,
Ninguem dava mais, nem tanto !

Adivinhava as misérias,
Para logo as socorrer ;
E, para amparar famílias,
Nunca família quis ter.

Rotinho, vestia os outros
Com mão de pai, muito amiga...
Certa manhã, na Quaresma,
Lá vai êle à desobriga.

Velhinho, na sacristia,
Dobra os joelhos emperrados...
Rebusna o padre, e emfim clama :
— « Diga lá os seus pecados ! »

Damião busca e rebusca,
Mas nada tem que dizer...
Grita o prior : — « Desembuche,
Que eu tenho mais que fazer ! »

Mas Damião nada diz...
Que há-de dizer ? Só faz bem...
Porém, o padre é frenético,
E afinal não se contém :

— « Veja lá ! Grande ou pequena,
Na alma há sempre uma chaga !
Não pecou por pensamentos ?
Não rogou alguma praga ? »

— « Roguei ! Roguei ! » diz, submisso
E a soluçar, Damião :
« Roguei uma praga feia,
P'lo que peço a Deus perdão ! »

Do prior a voz espessa
Então, colérica, trôa :
— « Praguejar é grave falta,
Que o próprio Deus mal perdôa !

« A praga é uma bofetada
Que se dá na Caridade !
Quem o mal deseja aos outros
Acha o mal na Eternidade. »

« Ouça bem o que lhe digo
Nesta cadeira onde estou !
E contra quem foi, confesse,
Que essa tal praga rogou ? »

Arrependido, a tremer,
O pobre do Damião
Responde com voz humilde :
— « Foi contra o vento suão ! »

— « Foi contra o vento suão ? »
Diz o prior admirado :
« Andou Você muito bem !
Isso é um vento estuporado !

« Êsse vento merecia
Rodado ser por mil rodas !
Há-de haver uns oito mêses,
Queimou-me as videiras todas !

« De contrição diga o acto,
Vou dar-lhe a absolvição...
Raios partam êsse vento!
Leve o Diabo tal suão! »

NA CABEÇA DA COMARCA

O filho do boticário
Namora a filha do juiz:
A rapariga é feiota
Mas tem seus bens de raiz...

O íntegro magistrado
Afina co'a brincadeira:
Já um dia disse à filha:
— « Ou tento na bola... ou freira! »

Tem razão! A rapariga,
Que é muito atreita a paixões,
Sendo quem é, bem podia
Ter outras aspirações.

Rica, é, p'lo pai, descendente
De gente humilde, mas boa,
E, pela banda da mãe,
Vai a Albuquerque e a Gambôa.

O rapaz, quando estudante
Em Coimbra, foi um vàdio:
Matriculado em Direito,
Perdeu três anos a fio.

Passados êsses três anos
Voltou à vila natal;
Canta à guitarra, faz versos
E bebe-lhe menos mal.

Vai o diabo ha três mêses
Na residência do juiz :
Branquinha chora e não come,
E já não borda a matiz.

Ha dias, p'lo fim da tarde,
Quis ir deitar-se no poço !
A pobre mãe teve um ataque...
Valha-nos Deus, que é pai nosso !

O juiz masca em silêncio
O seu furor represado,
E pensa : — Se o rapazola
Fôsse ao menos delegado !

Ontem, quando os astros d'oiro
Scintilavam nos seus giros,
Acorda o pai, que roncava :
Era Branquinha aos suspiros...

Lá se levanta o juiz,
Que não é pai... mas banana:
Branca, aos suspiros, declara
Que vai ser dominicana.

Novo fanico na mãe!
E o pai, de calma sedento,
Para evitar mais desgraças,
Consente no casamento.

Branquinha já come e borda,
Já canta como um pardal,
E hoje vai co'a mãe ao Porto,
Para comprar o enxoval.

MISSA DAS ALMAS

A minha Mãe, no dia em que fez os seus 78 anos, 22 de janeiro de 1922.

Quatro horas da manhã...
As estrêlas brilham calmas...
Sái de casa o sacristão,
Vai para a missa das almas.

Surdo torpôr cobre a aldeia,
E em meio dêsse torpôr,
Os passos do sacristão
São passos d'imperador...

Entra na igreja às escuras
E espevita o lampadário,
Cuja luzinha d'azeite
Agoniza ante o sacrário.

Na luz rejuvenescida,
Que desafia as estrêlas,
Acende êle o apagador,
P'ra ir acender as velas.

Para acender a primeira,
Quase que leva uma vida:
Tremelicando, o pavio
Não acerta c'oa torcida.

Lá a acende finalmente,
E depois dela a segunda...
O relógio dá um quarto...
Fóra, a treva ainda é profunda...

De repente, o sacristão
Olha p'ra cima e descora :
No altar-mór faltava a imagem
Da Virgem Nossa Senhora !

Quase que cái com um ataque
O pobre do sacristão :
É um cavalo a galope,
No seu peito, o coração.

Mas, de súbito, ouve passos :
Olha e vê, co'a vista absorta,
Vê entrar Nossa Senhora
Por uma grêta da porta !

— « Donde vindes vós, Senhora ? »
Diz o sacristão pasmado :
A Virgem Mãe baixa os olhos,
Com um arzinho enfiado...

O que ha-de ela responder ?
Ao mesmo tempo arde e gela :
Apesar de ser quem é,
Não quer que pensem mal dela...

E o que é que pensará
O sacristão a essa hora,
Vendo-a vir, sendo ainda noite,
Ás ocultas, lá de fóra ?

Mas eis que responde emfim
De amor num trasporte estranho :
— « Vais saber toda a verdade,
« Vais saber donde é que venho,

« Mas não o digas, não quero
« Que aí o saibam e contem :
« Fui dar de mamar a um orfão,
« A quem morreu a mãe ontem ! »

O ENTÊRRO
DE INÊS DE CASTRO

A Afonso Lopes Vieira.

Quando saiu de Coimbra
O entêrro de Inês de Castro,
Ficou o céu às escuras,
Sem um anjo e sem um astro.

De Coimbra até Alcobaça
Eram dois renques de velas :
Entre os homens com brandões
Marchavam anjos com estrelas...

No ar, de treva absoluta,
Pálidas mãos misteriosas,
Sôbre o caixão, desfolhavam
Contínua chuva de rosas...

E, atrás do caixão, a Dama
Que chorava, estrada fóra,
Desconfia-se que fôsse
A Virgem Nossa Senhora...

El-rei Dom Pedro seguia
Sem chorar, sombrio e sêco,
Rilhando em mente, com raiva,
O coração do Pacheco.

Quando o saïmento passava
Nas silenciosas aldeias,
Vinham à porta as molheres
Alçando acêsas candeias.

Crianças que lá nasceram
Então e durante mêses,
Sendo varões, eram Pedros,
E sendo fêmeas, Inêses.

Inda o caixão ia perto
Da igreja donde saía,
Já o princípio do entêrro
Em Alcobaça luzia.

Passaram horas e horas,
E o entêrro sempre a passar...
Luzes atrás doutras luzes,
Ninguêm as poúde contar!

Eram pespontos de luz
As duas linhas de velas;
Atrás, do caixão em volta,
Zumbia um enxame de estrelas...

Quando o coice do cortejo
Chegou à Cruz de Murouços,
Surgiu a lua no céu
Em argênteos alvoroços.

Argêntea porta era a lua,
E cá de longe par'cia
Que o caixão no céu entrava,
No esplendor do eterno dia...

CHOCALHOS,
ÁS AVE-MARIAS

Da serra do Caramulo,
Por um barrocal castanho,
Com seus cães e seus pastores,
Desce, à noitinha, um rebanho...

Os chocalhos das ovelhas
Tínem plangentes no ar;
Suas vozes gotejantes
São saüdades a chorar...

Saüdades dos altos cumes,
Onde o homem não erqueu casas,
E onde só, d'aves e d'anjos,
Se ouve o murmúrio das asas...

Parece humana a lamúria,
Que enternece e mete dó...
Na estrada, agora, o rebanho
Levanta nuvens de pó.

E no coice um cordeirinho,
A mancar, quase a caír,
Leva num guizo, ao pescoço,
Saüdadezinhas a rir...

A TRUTA

A Antero de Figueiredo.

Uma trutinha prateada,
Com lindas pintas vermelhas,
Vivia em sereno rio
Com outras trutas mais velhas.

Prateada e com tais pintinhas,
Sempre a mexer, azougada,
Par'cia um punhal com sangue
Depois duma punhalada.

Ao vê-la tão desinquieta,
Diziam-lhe as outras trutas :
— « Cautela ! não vás p'ra longe,
« Tonta, que não nós escutas ! »

« Aqui, na serra, onde o rio
Não afoga uma criança,
Vive-se em paz e sossêgo,
A vida é fresquinha e mansa ;

« Mas à proporção que o rio
Alarga, o p'rigo é maior,
A cada passo, na margem,
Se levanta um pescador.

« O homem p'ra nos pescar,
Inventou coisas diversas :
São nassas feitas de vime,
Anzois e rêdes diversas.

« Aqui, na serra, onde a paz
Á natureza sorri,
Aqui os homens são poucos :
Não nos tiremos d'aqui ! »

Caía num cêsto roto
Êsse pensar tão profundo :
A truta era ambiciosa
E queria vêr o mundo.

Co' essa ideia na cabeça,
Guiada por falsa estrêla,
Em linda manhã d'abril,
Rio abaixo, lá vai ela !

P'ra se divertir á grande,
Á partida, abocetára
Num refeguinho da guelra
O património que herdára.

Foi tudo bem a princípio,
Tudo foi sem novidade;
Viu outras margens e aldeias,
Uma ponte e uma cidade!

Ao cair, porém, da noite,
Ao raiar da lua bela,
Meteu-se com outro peixe,
Que era tão doido como ela.

Uma piscadela d'olhos,
Um sorrisinho, um rubor,
E lá vão de braço dado,
A arder, na água, de amor...

Foram ao teatro dos peixes
Ver uma farça, *A Lampreia*,
E depois, no mesmo prato,
Comeram mimosa ceia.

Carregaram nas bebidas
A que o luar dava lampejos;
Doidinhos um pelo outro,
Trocaram beijos e beijos...

Bem fizera a jovem truta,
Deixando o serrano lar:
Aquilo é que era viver!
Aquilo é que era gozar!

Mas, p'la manhã, os dois peixes,
Ambos com sono e com sêde,
Marcharam para a certã
Levados na mesma rêde!

O CORAÇÃO DE FILIGRANA

A Vasco de Quevedo.

Caminho da romaria,
Maria da Conceição
Leva três arrateis d'oiro,
Do seio na ondulação.

Cordões são seis, cruzes quatro
Mas do que ela mais se ufana
É dum coração enorme,
Todo êle de filigrana.

Coração de tal grandeza,
Tão scintilante e jucundo,
Se d'amor 'stivesse cheio,
Dava amor p'ra todo o mundo.

Ha corações pobrezinhos
Ricos da amorosa chama;
Êste, porém, sendo d'oiro,
Vazio de amor, não ama.

Mas de Conceição no seio,
Sem amar, amar parece:
Sôbre êsse seio ofegante
Ora se alteia, ora desce.

Conceição, que é abastada,
Para caminhar mais lesta,
Vai pela estrada, descalça,
Leva as chinelas na cesta.

Em terras de Portugal
São poupadas as donzelas
Que se magoam descalças
Para alívio das chinelas.

Na sua cesta coberta
Com uma toalha de renda,
Leva, ao pé das chinelinhas,
Mimosa e farta merenda.

No seu rancho, é Conceição
Das moças a que mais ri,
Ri desde os pés à cabeça,
Leva o noivo ao pé de si!

Seu noivo, o Simão da Ínsua,
É um rapaz desempenado:
Cinta azul, jaleca nova,
E marmeleiro ferrado.

Á romaria chegados,
Param defronte das tendas,
Onde Simão a Maria
Of'rece prendas e prendas:

São rosários de pinhões,
Ladrilhos de marmelada,
Uma ceirinha com figos
E um copo de limonada.

E por fim, num largo assomo
Do seu ânimo bizarro,
Dá-lhe mais uma regueifa,
Que é como a roda dum carro.

Em seguida entram na dança,
Ao som do harmónio plangente:
A poeira é de abafar,
Mas quem dança não a sente.

Depois da dança, a merenda,
Ali comida, no chão :
Galinha assada, azeitonas,
Peixe frito e um salpicão.

Para ajudar, da borracha
Jorram purpúrias golfadas :
Êle já está como um ôdre,
E ela ri às gargalhadas.

No coreto com bandeiras
Toca a banda militar,
E os foguetes estralejam,
Um após outro, no ar.

Em raivoso desafio,
De repente, eis que Simão
Crava o olhar num atrevido,
Que o seu crava em Conceição.

A moça sobresaltada
Diz então : — « Vamos embora,
« Anda comigo à capela
« Resar a Nossa Senhora ».

Mas Simão com os olhos doidos,
O pau brandindo no ar,
Num salto de tigre, cresce
Contra o rival p'ra o matar !

Arma-se uma rixa louca,
Multiplicam-se as baralhas,
Silvam paus, cruzam-se gritos
E relampejam navalhas.

No mais aceso da briga,
Entre as gentes desvairadas,
Simão baqueia por terra
Cosido com seis facadas.

E a pobre da Conceição,
Que nas pernas não se tem,
Co'essas seis facadas n'alma,
No chão baqueia também.

Corre gente que a levanta
E que à capela a transporta;
Sem falar, de olhos fechados,
Conceição parece morta...

Mas o seu coração d'oiro,
De filigrana, a pular,
Parece um barquinho doido
Nas ondas doidas do mar...

PORTUGAL

A Alberto Feliz de Carvalho.

Um alemão, meu amigo,
Veio visitar-me um dia:
Sendo inverno, em Portugal
O inverno, maio parecia.

O alemão andava doido
Com o que via em redor:
Céu azul, rosas aos centos,
Tudo verde e tudo em flor!

Dizia: — «De Hamburgo ao Porto
«Dura a viagem cinco dias,
«Mas desta vez, Deus me salve!
«Houve bruxa e bruxarias:

«Sendo a viagem tão breve,
«De tão curta duração,
«Parti nas zinas do inverno,
«Chego nas zinas do v'rão!

«Em Berlim, neve e neblina
«E um frio de inteiriçar:
«Aqui, macios veludos,
«Tépidas rosas no ar...

«Quem ha que me explique um caso,
«Que é tão sobrenatural?
«Ou eu estou doido ou o tempo
«Anda doido em Portugal!»

Respondi rapidamente
Á pergunta curiosa:
— «Portugal tem sempre sol,
«O que lhe falta é outra cousa!

«Tem sol vivo no futuro
«E no passado esplendente;
«Tem sol, par'cendo mentira,
«Na escuridão do presente!

«Nesta hora de fraqueza,
«Em que tudo o abafa e cansa,
«Se não tem um sol de glória,
«Tem aínda um sol de esp'rança!

«Tem sol no céu e na terra,
«Nos frutos e nas canções:
«Tem sol nos feitos do Gama,
«E nos versos de Camões!

«Em Portugal, meu amigo,
«Tudo em clarões se traduz:
«Até a treva ilumina!
«Até as campas dão luz!

«Portugal é um céu aberto,
«Portugal é um paraíso:
«Só lhe faltam duas cousas,
«Que são... dinheiro e juízo...»

OS TRÊS CHINÓS DE GARRETT

Sendo bem encabelado,
Não o digo p'ra meu proveito:
Não é vergonha a calvície,
Até infunde respeito.

O pobre Verlaine e Socrates
Ninguém os ouviu queixar
Por serem carecas, sendo-o
Como as bolas do bilhar.

Mas Garrett, um peralvilho,
Careca como uma noz,
Com inveja de Sansão,
Mandou fazer três chinós.

Tinha um o pêlo curto
(Já se verá a razão!),
O outro mais longo, e o terceiro
Era a trunfa de Absalão.

Pondo o primeiro, Garrett
Dizia a quem ia vê-lo:
—«Venho agora do barbeiro,
Fui lá cortar o cabelo.»

Quando trazia o segundo,
Sempre com distintos ares,
Falava de tudo... menos
De operações capilares

Pondo o terceiro, exclamava,
Fingindo enfados mortais:
—«Vou cortar a gaforina,
Que está comprida de mais».

Assim, glabro como um ovo,
Com simples hipocrisia,
Simulava ter cabelo,
E cabelo que crescia!

Doce embuste de poeta,
Que a ninguem prejudicava!
Querendo enganar os outros,
A si próprio se enganava.

Julgava iludir o sábio
E o inocente papalvo;
Mas, calvo, co'a cabeleira
'Inda parecia mais calvo!

De olhos direitos ou tortos,
De morena ou branca tez,
Que ninguém tenha vergonha
De ser como Deus o fez.

Defeitos da natureza
Para Deus tem formosura;
Do que êle não gosta nada
É de mentira e impostura.

Vendo um homem de chinó,
O povo irónico diz:
— «Êste homem tem muitos bens,
Mas nenhum é de raíz.»

O AMOLADOR

Ao Marquês de Figueroa.

Vinte e quatro de dezembro,
Gretam-se os pés na geada :
Mas o sol já surge alegre,
E hoje é dia de consoada.

Vão p'ra o pascigo os rebanhos,
Cada um com seu pastor...
De repente, ouve-se ao longe
A gaita do amolador...

No passal, o padre-cura
Mata o porco esta manhã:
Grunhe a vítima, coitada,
Como uma alminha cristã...

No quintal do brasileiro
Tambem vai bom e bonito:
A moça esfola um coelho,
E êle, outro Creso, um cabrito.

Canta emproado num muro
Um galo de bico aberto:
A gaita do amolador
Ouve-se agora mais perto...

O amolador, que é moreno,
Quinze anos deve contar;
Natural de Redondela,
Parece um órfão no olhar.

É toda de remendinhos
A roupa do amolador,
Lembrando da escola os mapas
Com as províncias de côr.

Lá vem êle! Curvadinho,
Impele a roda p'lo chão,
E apregôa com voz fina,
Que até corta o coração.

Apregôa com voz fina,
Que é uma voz de rouxinol;
Ás costas traz uma trouxa
E armações de guarda-sol.

Bem apregôa! Ninguém
Lhe paga as tristes canseiras...
Mas lá se abre um postiguinho
Com um vaso de sardinheiras.

Sai do postigo a cabeça
Duma velha que foi loira:
— «Pára aí, ó rapazinho,
«Amola-me esta tesoira.»

Pára o rapaz sorridente,
Abre a porta a boa velha:
A boca da velha é branca,
E a do rapaz é vermelha.

P'lo pé do rapaz movida,
Gira a pedra de amolar:
Sentindo a tesoira, chia,
E lança chispas no ar...

Findo o trabalho, a velhinha
Com um ar afável, de mãi,
Pergunta ao pobre: — «Quanto é?»
E êle responde: — «Um vintem!»

Remexendo na algibeira,
A velha pensa com dor
Num filho que lhe morreu
Da idade do amolador...

A sorte do galeguito
Arranca-lhe então dois ais;
E diz: — «Pobre rapazinho,
«Longe da terra e dos pais!»

Mas depois, num rasgo, exclama,
Tendo nos olhos clarões:
— «Foi um vintem que disseste?
«Pois pega lá dois tostões!»

Velhinha que tal fizeste,
Quando for's p'ra a eterna luz,
Que a tua alma seja aceite
Pelo Menino Jesus!

E o galeguito lá segue,
Mais contente, a apregoar:
O rouxinol de voz triste
Parece um melro a cantar!

DIA D'ANO-BOM

Hoje, dia d'Ano-Bom,
Foi o jantar melhorado:
Canja d'oiro, cabidela
E um rico leitão assado.

Não contente de o assar bem,
A cozinheira briosa
Pôs na bôca do leitão
Uma linda e grande rosa.

Além dessas vitualhas,
Outras mais o olhar divisa:
Mexilhões frescos d'Aveiro
E um paio, róseo, de Niza;

Sobremesas são às dúzias,
Na mesa, ao pé da floreira:
Manjar branco, ovos de fio,
E uma «barriga de freira».

De fato novo, os pequenos
Riem bem e melhor cómem:
O Martim, que é o mais novinho,
A comer parece um homem!

Na braseira, sob a cinza,
Dormem brasas resplendentes:
Fazem-se alegres saúdes
Aos amigos e aos parentes.

Nisto, uma lembrança amarga
Me ensombra com negro véu:
Tenho à volta os cinco filhos,
Mas... falta-me o que morreu!

DOMINGO DE PÁSCOA

Hoje, domingo de Páscoa,
Tudo é sol, beleza clara!
Em casa do ferrador,
Giram todos, ninguem pára.

Deram três horas na torre,
Passaram pombas no ar...
Não deve tardar o prior,
A receber o folar.

O ferrador esmerou-se,
Pôs colarinho engomado,
E a mulher, sécia, vestiu-se
Co'as roupinhas do noivado.

Sua filha, a Palmirinha,
Em passos curtos, subtis,
Toda risonha e frisada,
Traz sapatos de verniz.

Gastou um frasco de esséncia
No lenço que tem na mão :
Até parece mais linda
Que a filha do cirurgião!

Lembra um-altar de novena
A casa do ferrador:
Cortininhas na janela,
E em cada jarra uma flor.

Canta o melro na gaiola,
E sôbre o chão lavadinho
Fofos tapetes cheirosos
De alfazema e rosmaninho.

Na saleta o folar pingue,
Fulgindo, até arrebata:
Sôbre uma laranja d'oiro
Cinco tostões d'alva prata.

Lindo dia! O sol entrando
Pela janela, doirado,
Doira no aquário de vidro
Um lindo peixe encarnado.

Palmirinha vai e vem
Da janela ao corredor,
Até que diz aos pulinhos:
— «Aí chega o senhor prior!»

Entra o sacristão co'a cruz,
Caldeirinha e opa vermelha,
E o velho prior, que traz
Sobrepeliz também velha.

Tudo se põe de joelhos,
Em atitudes modestas,
E o prior sorri p'ra todos:
— «Aleluia! Boas festas!»

Copos de vinho do Porto
Passam nas mãos, oirescentes,
E o prior recusa améndoas...
— Coitado! faltam-lhe os dentes...

Foi-se o prior... Tudo acaba
Nesta existéncia mesquinha...
O ferrador vai tirar
O casaco... e Palmirinha

Pensa que daí a um ano,
Bem feliz no amor que a abrasa,
Receberá o prior
Já na sua própria casa...

AS DUAS CASAS

Ás ilhargas da capela,
No chão do mesmo terreiro,
Vira-se uma casa nova
Para um enorme pardieiro.

Vive um conde arruinado
No sombrio casarão,
Em cuja fachada avulta
Uma pedra com um brasão.

Na casa dos azulejos
Quem móra é um pedreiro, o Gil,
Cujo filho, um felizão,
Enriqueceu no Brasil.

As janelas do palácio,
Sem vidros, estão ceguinhas,
Mas sob os seus beirais velhos
Riem ternas andorinhas.

No prédio dos azulejos,
Com janelas verde-gaio,
A andorinha não faz ninho,
Mas ha lá um papagaio.

De negro, o conde só vive
De amargas recordações...
Gil, de tamancos, só pensa
Em serrabulho e leitões.

Á porta do conde, a sombra
Duns ciprestes se dilata...
Gil no portal tem dois vasos
Com palmeirinhas de lata.

Nos seus salões sem mobília,
O velho conde caduco
Pensa no seu nobre herdeiro,
Que é... caixeiro em Pernambuco.

E Gil, o pai venturoso
Dum banqueiro do Pará,
Em mente, desconta o cheque,
Que amanhã receberá.

Entre a casa nova e a velha,
Na capela adormecida,
Cristo, pregado na cruz,
Pensa nos vaivens da vida...

Os destinos desvairados,
Nesta vida enganadora,
São irmãos dos alcatruzes,
Dos alcatruzes da nora.

Cada um declina ou sobe
Conforme a sorte que o anima:
Os de cima vão p'ra baixo,
E os de baixo vão p'ra cima.

SOMBRAS QUE PASSARAM

Quantas saüdosas figuras
Dos meus tempos de menino,
Não as varreu a vassoira,
Que anda nas mãos do Destino!

Na nossa casa, entre páteos
Com aves cantando à lua,
Entre dúzias de janelas,
Só uma olhava p'ra a rua.

Mas, para a gente miuda,
Essa janela era então
Como o balcão dum teatro
Em permanente função.

De capa rôta, e mostrando
Rôtos calções e japona,
Aí p'la volta das dez,
Vinha o Pedro da sanfona.

— «Toca!» gritavamos nós,
E êle, humilde, sem demora,
Começava... e por dez reis
Tocava ali meia hora...

Mais tarde, ao dar do meio-dia,
Infalivel, sempre exacto,
Um alto pregão vibrava
Assim: — «Barato! Barato!»

Era um moiro de Marrocos,
De oleosa e bronzeada tez,
Que tinha um gilvaz na cara
E andava sempre de fez.

Numa caixa envidraçada,
Suspensa em forte corrêa,
Trazia botões, lunetas,
Jogos d'agulhas de meia,

Pulseiras de pechisbeque,
Sabonetes a vintém,
E lindos rosários bentos,
Vindos de Jerusalem.

Tal caixa, que também tinha
Canivetes e boquilhas,
Era para nós, pequenos,
Um jardim de maravilhas!

E nós, suspensos, alheados,
Num deslumbramento mudo,
Cubiçávamos riquezas,
P'ra comprar aquilo tudo!

Outras vezes (e a loucura
Punha-nos todos num sino!),
Vinha uma família de húngaros,
Com um urso dançarino.

O pai, feroz de guedelha,
Butifarras, chapeirão,
E a mãi com um pequeno às costas
E meia duzia p'la mão.

Semi-nús, de grenha hirsuta,
Tinham todos o ar bravio;
O urso enorme, enlameado,
Marchava lento e sombrio.

Mas à voz do rude chefe,
Praguejando em língua estranha,
Lá se erguia o urso, aos urros,
Mais alto que uma montanha ;

E, com um pêlo, que lembrava
O burel dum anacoreta,
Dançava em pé, como um homem,
Ao rufo da pandeireta.

Outras vezes, pela tarde
(Parece que ainda o vejo!),
Vinha um velho italiano,
Que tocava realejo.

Vestido de bombasina,
Com chapéu mol', desabado,
Tinha umas calças mais fartas
Que as dum major reformado.

Oh! que música tão triste,
Que voz tão cheia de espinhos!
Um moinho a moer almas
De viuvas e de orfãozinhos!

O pobre do italiano
Trazia sempre a seu lado
Uma macaquinha triste
Com seu saiote encarnado.

E a macaquinha, ao findar
A gemebunda canção,
Aos pulos, pedia esmola,
Com uma bandeja na mão.

Velho moiro barateiro,
Sanfona de acordes tristes,
Tristes ursos dançarinos,
Onde estais, que vos sumistes?

Onde estás tu enterrada,
Macaca do realejo?
Que é feito do italiano?
Ha muito que vos não vejo...

Na rua, agora, nem sombra
Das apagadas delícias!
Desta janela, só vejo
Automóveis e polícias.

O VELHO BERÇO

Tenho, entre outras coisas velhas,
Um berço em cujo espaldar
Se vê, feito de embutidos,
Um passarinho a cantar.

Casei num dia de maio...
Meses depois, uma vez,
Ouviu-se um anjo a chorar:
Sendo dois, ficámos três...

Veiu o berço para o quarto,
Mil vezes o abanei eu...
Berço que era uma janela
Pela qual eu via o céu!

Nesse berço pequenino,
Em tempo que já lá vai,
Dormira soninhos d'anjo,
Sendo outro anjo, meu pai!

Nesse bercinho, mais tarde,
Morreu-me um filho também...
Mas não quero falar nisto:
Anda ali a pobre mãi...

Dormiram nele outros filhos
Ao cantar dos meus afectos...
Velho estou; vasio, o berço
Ficará para os meus netos.

O COLÉGIO DAS URSULINAS

Em Portugal, onde os ventos
Correm tão desaforados,
Os velhos conventos, hoje,
São casernas de soldados.

Onde a oração agitava
Ásas de neve, impolutas,
Quer de noite, quer de dia,
Silvam pragas de recrutas;

E onde o incenso embriagava
Os Santos, que a Graça nimba,
Passa um fartum empestado
De acampamento e tarimba.

Calou-se o sino, que enviava
Ao céu saüdades da terra:
Só se ouvem clarins agudos
Com ameaças de guerra;

E nos claustros empedrados
Por velhas, gastas lisonjas,
Gemem guitarras lascivas
Sôbre os jazigos das monjas...

Dessas casas profanadas
P'lo rigor de ásperas sinas,
Uma relembro: o *Colégio*
Chamado *das Ursulinas.*

De Coimbra à beira, no sítio
Mais assoalhado e mais belo,
Sendo uma casa de paz,
Par'cia ao longe um castelo.

E era um castelo, em verdade,
Um castelo de virtude:
Cidadela da inocéncia
Com torres de beatitude!

Tive lá tres tias freiras,
Por quem minh'alma ainda chora,
E uma das quais, sendo cega,
Foi das demais Sup'riora.

Seu olhar, não tendo luz,
Luz da alma recebia:
Sendo cega entre videntes,
Era ela a que mais via.

Três irmãs, que ainda tenho,
E que tão discretas são,
Là se fizeram doutoras
Em prendas e mansidão.

A mulher, que Deus me deu,
Também lá foi educada :
Casa, que deu tal mulher,
Seja p'los anjos cantada !

De lá, no Natal e Páscoa,
Nos vinham fartas of'rendas,
Grandes bandejas de doce
Com toalhas de finas rendas ;

E de lá vinham também,
Em horas de provação,
Com mimos de condoléncia
Beijos de resignação.

Mas as três tias morreram,
Soprou um vento cruel...
E o colégio das freirinhas
É hoje em dia um quartel!

O ESPADIM DO MEU AVÔ

A minha casa em Coimbra,
Ao pé da Universidade,
É um museu onde as coisas
Falam com voz de saüdade.

Cá tenho a caneta d'oiro
Com a qual foi assinada
A escritura nupcial
Duma avó minha, morgada.

E a Senhora dos Remédios,
Que ali vês, leitor querido,
Resplandeceu no oratório
Doutro morgado sumido...

Ali está o último prato
Dum serviço do Japão,
Que viu mais dum casamento
Dos da minha geração.

Tenho, entre tanta antiqüalha,
Que o meu coração atrai,
Muitas miudezas que foram
Do pai do meu santo pai.

Êsse avô discreto e sábio,
Sendo em Coimbra doutor,
Foi do Mondego p'ra o Tejo,
Feito desembargador.

No Desembargo, seguindo
As partes de Dom Miguel,
De Dom Miguel foi compadre,
Compadre e amigo fiel.

Dêsse avô, como já disse,
Tenho ainda muitas cousas:
A luneta dum só vidro,
Um anel de diamantes-rosas;

Tenho uma carteira sua,
Que parece um cofre-forte,
O seu hábito de Cristo
E o espadim com que ia à côrte.

Êsse espadim leveirinho
Tem, co'a bainha de coiro,
Punho de prata doirada,
Que em tempos fingiu ser d'oiro.

Mas tudo o tempo desdoira,
Pelos decretos do céu,
E hoje é tal punho a cabeça
Dum loiro que encaneceu.

Velho espadim de três palmos,
Velho e triste, já não luz
Como luziu algum dia
Nos serenins de Queluz.

Chegou-me há tempos um livro
Dum poeta de alto porvir:
Quís abri-lo, era fechado,
Não tinha faca p'ra o abrir...

Peguei no espadim do avô,
Com êle as folhas cortei:
O poema era divino,
Lí-o enlevado e sonhei...

Espadim de puro aço,
Sendo arma, em vez de dar morte,
Deliciaste uma vida:
Foi feliz a tua sorte!

Espadim de aço luzente,
Sendo uma arma homicida,
Em vez de encher uma cova,
Déste um par d'asas à vida!

Em vez de fechar a porta
Aos leves sonhos risonhos,
Num relámpago celeste,
Abriste a porta dos sonhos!

MARIA FRANCISCA DA GRAÇA

Esta Maria Francisca,
Criada da nossa casa,
Com vocação p'ra diamante,
Não passou de humilde brasa.

Velhinha, com reumatismo,
Já mal se pode arrastar;
Andou mais que um almocreve,
Sempre, em casa, a moirejar,

Veiu para cá pequena,
E cá se tornou mulher,
Cá lhe embranqueceu a trança,
Cá, um dia, ha-de morrer.

Mandada, nunca mandou,
Nunca foi flôr, foi sempre herva;
Dócil e humilde, foi sempre
Dos amos submissa serva.

Os nove irmãos que nós fômos,
Todos lhe andámos no cólo:
Vêr-nos todos consolados
Foi e é o seu consôlo.

Todos lhe andámos no cólo,
Tão quentinho e tão amigo;
E ela que poude com todos,
Mal pode agora consigo!

Todos nós adormecemos
No bercinho, ao seu cantar:
Quanta vez, como na trova,
Não cantaria a chorar!

Mulher de fé, verdadeira,
Jámais gostou de imposturas;
Se mentiu, foi p'ra encobrir
Nossas velhas diabruras.

Nas horas negras de luto,
Não era criada, não!
Chorando, era da família,
Chorava com o coração.

Co'as soldadas que ganhou,
Ela, que é modesta e parca,
Foi comprando alguns oiritos,
Que tem no fundo da arca.

Mas não comprou êsses oiros
Cõ'a mira em fumaças vans:
Sem os pôr, já os legou,
Ficam p'ra as minhas irmãs.

Onde haverá desint'rêsse
Como o seu foi? digam lá:
Quanto ganhou nesta casa,
Nesta casa ficará.

Boa Maria Francisca,
Safira do meu tesoiro,
Tens no céu à tua espera
Uma cadeirinha d'oiro!

Dôce Maria Francisca,
Sabes tu o que eu queria,
Sabes o que eu desejava?
Que tu fôsses minha tia!

ENTRE AMIGOS

Ao meu amigo Ruy de Betencourt da Cámara.

Tenho um amigo no Funchal,
Nobre e leal português,
Que a miúdo vem visitar-me
E a quem escrevo muita vez.

Mando-lhe os versos, que faço
Nos meus serões, à lareira,
E êle remete-me, em troca,
Loiro vinho da Madeira.

Nesta permuta amistosa
É êle quem dá melhor:
Os meus versos são palavras,
Seu vinho, luz e calor!

Tendo eu estado um certo tempo
Sem lhe mandar nada meu,
O meu velho e caro amigo
Nestes têrmos me escreveu:

«Do coração lhe desejo
«Saúde paz e venturas;
«Seus versos são luminosos,
«E olhe que eu estou às escuras!»

Pelo primeiro paquete,
Respondí com mão ligeira:
«Se não tenho feito versos,
«É que acabou o Madeira.

«Se os meus versos têem luz,
«E essa luz lhe dá deleite,
«Mande-me em breve mais vinho:
«Boa luz quer muito azeite!»

O LUAR NAS ÁGUAS DO RIO

Nas águas negras do rio
Bate o luar de Janeiro :
Nascem luzinhas na água,
Num ferver de formigueiro.

Nascem nas águas montinhos
De pó d'oiro, luzidio,
Como se um caruncho d'oiro
Tivesse dado no rio.

Parece que um anjo doido,
Sôbre a água pasmadinha,
Anda a esfolhar os diamantes
Da c'rôa duma rainha.

Tal ferver de luz acorda
As aves adormecidas,
Que, despertando, supõem
Voltar d'outras altas vidas.

De ramo em ramo saltando,
Uma à outra se interpela:
— « Que fogo incendeia o rio ? »
— « Que forja será aquela ? »

Volve um tôrdo rechonchudo
Para os outros passarinhos:
— « Caíu do céu uma estrêla,
« E partiu-se aos bocadinhos... »

— « Mentes, tôrdo! » um pardal diz
Com real severidade:
« Tu dormias, nada viste,
« Eu é que sei a verdade.

« Eu, que tenho o sono leve,
« Acordei há meia hora,
« Vendo com olhos de espanto
« A Virgem Nossa Senhora.

« Nossa Senhora viera,
« Por trilhos de benta luz,
« Fazer compras para a ceia
« De São José e Jesus;

« Mas ao voltar ao presépio,
« Por sôbre as águas do rio,
« Apesar de Mãe de Deus,
« Escorregou e... caíu!

« Um braço erguendo na quéda,
« Salvou a infusa com leite,
« Mas quebrou em mil pedaços
« A outra, de loiro azeite.

« É pois azeite entornado
« O oiro que na água luz,
« Chorando por não doirar
« O caldinho de Jesus... »

A ESCADA DA VIDA

Ao Dr. J. M. de Queiroz Veloso.

Encontrou-se a Caridade
Com o Orgulho, certo dia:
Subia o Orgulho uma escada,
E a Caridade descia.

Ela humilde, êle arrogante,
No patamar dessa escada,
Os dois, cruzando-se, viram
Uma rosinha pisada.

Emproado, o Orgulho, vendo-a,
Deu-lhe nova pisadela;
De joelhos, a Caridade
Deitou-se aos beijos a ela.

Mas nobres passos se ouviram
De som divino e tremendo:
O Orgulho seguiu subindo
E a Caridade descendo...

E a voz de Deus entretanto
Disse, bramando e sorrindo:
— « Tu, que sobes, vais descendo!
« Tu, que desces, vais subindo! »

O RELÓGIO DE SOL

Tenho um relógio de sol,
Que me deu minha madrinha,
Onde as horas são marcadas
Pela sombra duma linha.

Consultava-o raras vezes,
Pensando, em tristonhos dias,
Que horas medidas por sombras
Devem ser horas sombrias.

Mas desde que nos amamos,
Meu amor e meu regalo,
De manhã até à noite
Passo a vida a consultá-lo.

Nêle vi, de luz coroado
E com ásas no desejo,
Quantas horas eram quando
Me déste o primeiro beijo.

Naquele momento, a sombra
Marcava ao certo meio-dia,
E por marcar tal momento,
Sendo negra, refulgia.

Nêle vi que horas eram
Quando, amor, te foste embora;
Dessa vez, sim, era negra
E triste a sombra da hora...

Nêle vejo, alegre ou triste,
Alegrias e pesares,
Ha quantas horas partiste,
Quantas faltam p'ra voltares...

Tem o relógio uma bússola,
Bem fiel à paixão sua,
Sempre virada p'ra o norte,
Como a minh'alma p'ra a tua.

Por mais voltas que lhe dê,
Não a demôvo d'ali:
Olha sempre para o norte,
Como eu sempre para ti.

Sendo relógio de sol,
Quando é noite não trabalha;
Mas à noite estás tu longe,
E eu a arder numa fornalha·

Para medir horas tais
Fôra mister que existisse
Um relógio, que, em vez de horas,
Longos séculos medisse.

A BILHA DE ESTREMOZ

Grácil bilha de Estremôz,
Que a minha sêde acarinhas,
No barro vermelho ostentas
Ornatos d'alvas pedrinhas.

Traz-me êsse barro visitas
Duns lábios incandescentes,
E essas pedrinhas, saudades
Duma alvorada de dentes.

Em vez de a acalmar, excitas
A chama dos meus desejos:
Busco juizo ao beijar-te,
E endoideço a dar-te beijos!

JASMINS D'OIRO, JASMINS DE PRATA

Há jasmins de duas côres,
Os brancos e os amarelos:
Lembram-me uns certa garganta,
E os outros certos cabelos...

Uns são d'oiro, outros de prata,
Metais de oposto valor,
Mas para mim irmanados
Na confraria do amor.

Uns de sol, outros de lua,
Cada um por vencer anseia:
Doira-me todo o que é d'oiro
E o de prata me prateia.

Se os amarelos me falam
Duma trança refulgente,
Trazem-me os alvos lembranças
D'alvo dorso rescendente.

Vendo jasmins, oiço estático
Córos d'altos serafins:
Flori, flori! jasmineiros,
Coroai-me de jasmins!

Belos são os jasmins brancos,
E os amarelos também:
E no oiro como na prata
Os rubins vão sempre bem.

Jasmins de mel ou de leite
Mostrais um palor exsangue:
Que nesse palor palpite
Róseo frémito de sangue!

Por isso, de fogo ou neve,
Todos de pel' setinosa,
Sem ciume, deixai que eu ponha
Entre vós còrada rosa,

Rosa, que trará notícias
A esta alma, fazendo-a louca,
Do róseo florir duns seios,
Do róseo rir duma boca!

PRESENTE D'ANOS

Aí vai o meu presente,
Lindo amor de boca meiga:
Meia dúzia d'ovos frescos
E esse nico de manteiga.

Perdoa à minha pobreza
Mimo tão escasso e vulgar;
Lavrador de fracas terras,
Não tenho mais que te dar.

Oferecer-te quisera,
Com prenda tão desvaliosa,
Alguma frutinha doce
E alguma flor bem cheirosa.

Mas desde que nos deixaste,
Da tua memória escravos,
Nem os pomares dão pomos,
Nem os craveiros dão cravos...

Desde que te foste embora,
Por estes campos maninhos,
Fruta, só há limões verdes,
E flor's, só cardos com espinhos!

Quis enviar-te uma rôla,
D'além, dos choupos do rio:
Passei lá a noite toda...
Só vi um mocho sombrio!

Sem outras flor's, aí te mando
Estes versos, minha vida,
Versos humildes da serra,
Arrancas d'urze florida.

DESILUSÃO

Disseste-me que virias,
E eu, a cantar, com presteza
Desfolhei rosas na escada,
Pus mais um talher na mesa.

Pobrezinho, destinei-te
Quanto de mais rico tenho:
No teu lugar, garfo d'oiro,
E no meu, garfo de estanho.

E faltaste! As lindas trutas,
Que eu aqui tinha, de prata,
Nem me atrevi a comê-las,
Deitei-as à minha gata.

PRIMEIRO AMOR

Desenhei o teu retrato
Na minh'alma, em terno anseio.
Ficou lindo! Mas um dia,
Não sei porquê... apaguei-o!

Apaguei-o... não! tentei
Sumi-lo, cansando os braços;
Mas, por mais voltas que désse,
Lá estavam sempre os seus traços!

Sôbre êsses traços delidos,
Para os apagar de vez,
Amando Inês, em seguida,
Fiz o retrato de Inês.

Mas esta só breves dias
Meu coração aqueceu:
O seu retrato esvaiu-se:
Por baixo lá estava o teu!

Na minh'alma dolorida,
A arder em febre amorosa,
Desenhei depois as caras
De Júlia, Gracinda e Rosa.

Cada um dêsses retratos
Durava curtos instantes:
Como a água, era a minh'alma,
Retratando os caminhantes.

Quantos rostos, uns sôbre outros,
Desenhei ali, à pressa!
Sob êles sorria sempre
A tua airosa cabeça!

Dos outros ficaram manchas,
Nevoeiros leves e baços...
Porém, do teu, indeléveis,
Subsistem, finos, os traços.

Os outros, fantasmas d'aves,
Voando, doidas, sem rumo,
Duraram breves momentos,
Foram traçados com fumo...

Porém o teu, neste peito,
Perdura, nítido e nobre,
Como gravura a buril
Numa lámina de cobre!

ABUNDANCIA D'AMOR

Andarejo me chamaste,
Volúvel do coração:
Não me crimines, escuta,
Do que fiz eis a razão.

O amor, com que fui provido,
Para seis homens chegava:
Se o désse a uma molher só,
Pobre molher, rebentava!

Por tal motivo, e seguindo
Dôces leis de caridade,
Parti êsse amor em dois,
E guardei uma metade.

Co'a outra metade, a livre,
Aos bocados dividida,
Comprei risos, comprei beijos
E alegrei a minha vida.

Mas... acabada a moeda,
Todo o gôzo feneceu...
Depois de doirados dias,
Veiu a noite... escureceu...

Foi então que te encontrei
Na rua da F'licidade:
Fui ao cofre, e tirei dêle
Do amor a outra metade.

Aí a tens inteirinha
Nas alvas mãozinhas tuas:
É metade ... mas tão grande
Que ainda dava para duas.

OS ROMEIROS

Os meus beijos são romeiros
Duma eterna romaria,
Romeiros que nunca dormem,
Que andam de noite e dia.

Desde a prata dêsses pés
Ao oiro dessa cabeça,
P'los caminhos do teu corpo
Marcham com fé mas sem pressa.

Sem alforge e sem cabaça,
Riem livres de pesares,
Bebendo em límpidas fontes,
Comendo em belos pomares.

Quanto mais andam, mais sentem
Miraculosos assombros:
Colhem rosas nos teus seios
E açucenas nos teus ombros.

Assim, c'roados de flores,
Miram-se nas tuas veias,
Rios azuis que deslisam
Entre prateadas areias.

Por atalhos rescendentes,
Por claras lombas e oiteiros,
Á capelinha do monte
Chegam por fim os romeiros.

A capela é essa boca,
Que eu por outra nunca deixo,
Com a sua porta aberta
No terraço dêsse queixo.

Capelinha de novena,
Por mil rosas adornada,
Toda ela forradinha
De fina seda encarnada.

Cantam em côro lá dentro
Com voz d'oiro os serafins,
E, entre as rosas, os teus dentes
São grinaldas de jasmins.

Por cima da capelinha,
Onde é permanente a festa,
Há uma torre de prata,
A torre da tua testa.

Nessa torre, mal os beijos
Na capela entrado tem,
Repicam logo dois sinos,
Que são teus olhos, meu bem!

Os meus beijos são romeiros
Duma eterna romaria,
Romeiros que nunca dormem,
Que andam de noite e de dia.

Os meus beijos vão descalços,
Mas, descalços como vão,
Pisam tapetes, que os anjos,
Cantando, estendem no chão...

PRESUMIDA

Quando, pela vez primeira,
Te avistei no meu caminho,
Levavas, qual grega estátua,
Simples túnica de linho.

Sorrindo, olhaste p'ra trás,
Lá no extremo da alameda...
Momentos depois voltavas
Toda vestida de seda.

No dia seguinte, ao vêr-te,
Fiquei atónito e mudo:
Eras como uma rainha
No teu manto de veludo!

Perdias trabalho e tempo
Com rendas, fitas e fólhos:
Não eram teus atavios
Que enfeitiçavam meus olhos!

Qualquer que fôsse o teu traje,
Eu sempre te achava linda,
Mas suspirando p'la hora
De te ver mais linda ainda!

Tal hora chegou emfim,
Doirando a minha impaciência:
Foi quando a mim te entregaste
Vestida só de inocência!

Então, sim! é que eras linda!
Tão rica de encantos tais,
Que nêles pregando a vista
Fiquei cego para o mais!

PEQUENA CHAVE, QUE PESA MUITO

Fechou esta chave um dia
Dum filho meu o caixão,
Fechando a minha alegria
Dentro do seu coração.

INSCRIÇÃO PARA O VESTÍBULO DUMA CASA DE CAMPO

Sê bemvindo nesta casa,
Se és de-véras meu amigo:
Entra, abraça-me, descansa,
Senta-te à mesa comigo.

INSCRIÇÃO PARA A SEPULTURA DUM MANCEBO

Morriam por êle os Pais
Nos dias em que viveu,
E nêle vivem aos ais
Desde o dia em que morreu . . .

CEGUEIRA DOCE
E AMOR CONSTANTE

A fazer versos e a lê-los,
Pôs-se-me a vista cansada;
Vejo ao longe como os linces,
Mas ao pé não vejo nada.

A vista da minha alma
A mesma fraqueira sente,
Vejo bem, se ólho o passado,
Cego sou, se ólho o presente.

Por isso, aos olhos do amor,
Que neste coração mora,
Vejo-te como tu eras,
Não como tu és agora.

Com os anos desmaia a pele,
Branqueia a doirada trança;
Mas o amor, se é verdadeiro,
Só em crescer faz mudança.

Assim, co'a alma e com os olhos,
Vencendo o tempo que foge,
Vejo-te como eras dantes
Sem q'rer saber como és hoje.

Se estás velhinha, se o vento
Tuas fôlhas faz caír,
O viço p'ra mim conservas
Dum botão de rosa a abrir.

Cego ao perto, vejo ao longe,
Mas, cego, com alegria,
Amo-te como te amava,
Vendo-te como te via.

O MEU ANEL

Ao meu parente e amigo José de Azevedo e Menezes Cardoso Barreto, Senhor da casa do Vinhal.

Dois rubis, três esmeraldas
E dois líquidos diamantes
Fulguram no meu anel
Como sete astros radiantes.

Nessas três castas de pedras
Despiçadas de beleza,
Três fôrças minhas se espelham :
Amor, esp'rança e firmeza.

Nos rubis vê-se o meu sangue
Rico de luz e de côr,
Azeite dum coração,
Que arde com chamas de amor.

Nos diamantes, que são duros,
Mas que luzem como o orvalho,
Vive pintada a firmeza
Com a qual amo e trabalho.

E nas esmeraldas verdes
Ri com riso esmeraldino
A verde esp'rança que eu ponho
Dos meus versos no destino!

Tão lindas pedras scintilam
Num aro d'oiro, preciosas;
E nesse aro a mão dum ourives
Burilou folhas e rosas.

Velha joia, minha amiga,
Que tão bem me quer e enfeita,
Trago-a, há já mais de trinta anos,
No anular da mão direita.

Com êle na mão, em novo,
Mais duma taça esvaziei,
Mais duma rosa colhi,
Mais duma espádua afaguei.

Companheiro da minh'alma,
Segue-a sempre no seu vôo :
Com êle na mão dou esmola,
Faço versos e abençôo.

Se acaso a mão se me fecha
Com egoísmo ou com ira,
Embaciam-se-lhe as pedras
E parece que suspira . . .

Mas se faço um lindo verso
Ou uma mais linda acção,
Rompe em cânticos de luz,
Não é jóia, é coração !

Velho anel, bom companheiro,
Sempre a luzir nestes dedos,
Sabe toda a minha vida,
Faz a cama aos meus segredos.

Tinha-o na mão, quando um dia
Vi a minha noiva bela;
E as pedras dêle sorriam
Ás pedras dos aneis dela.

Com êle na mão, casei
Em linda manhã de maio :
Ao ver a noiva, de branco,
Quase que teve um desmaio !

Tinha-o no dedo também
(E até mostrava mais brilho !),
Quando pela vez primeira
Peguei no primeiro filho.

E com êle neste dedo,
A desmaiar de paixão,
Do filho que me morreu
Fechei um dia o caixão.

Meu velho anel, quando, emfim
Desta mão tirado fôres,
Dirás que, se eu não fui santo,
Muitos há que são piores !

COM A MÃO
NA CONSCIÉNCIA

Do povo a Sabedoria
Tem rifões que são espelhos
Onde, p'ra aviso dos novos,
Luz o juízo dos velhos.

Diz-nos um dêsses rifões,
Em palavras judiciosas,
Que ninguém deve ir da vida
Sem ter cumprido três cousas :

Deve plantar uma árvore,
O homem, nos seus terrenos;
Um livro escrever; e emfim
Deixar um filho p'lo menos.

Esses preceitos antigos,
Cumpri-los procurei eu:
Filhos, tive meia-duzia,
Vivos, cinco, e o que morreu...

Quanto a árvores, comprando
Certo dia umas courelas,
Plantei lá vinte oliveiras:
Já bebi azeite delas!

Pelo que aos livros respeita,
São até em demasía:
Em vez dum livro sómente,
Cá deixo uma livraria.

Conforme Deus foi servido,
Fui cumprindo os meus deveres;
Tenho a consciência em paz...
Morte, vem quando quiseres!

ÍNDICE

	Pág.
O cravo de papel	13
Triste história duma rosa	17
O suão	21
Na cabeça da comarca	27
Missa das almas	31
O entêrro de Inês de Castro	35
Chocalhos, às Ave-Marias	39
A Truta	41
O coração de filigrana	46
Portugal	53
Os três chinós de Garrett	57
O amolador	61
Dia d'ano bom	67
Domingo de Páscoa	71

As duas casas 75
Sombras que passaram. 79
O velho berço. 86
O Colégio das Ursulinas 88
O espadim do meu avô. 93
Maria Francisca da Graça. 98
Entre amigos 102
O luar nas águas do rio 105
A escada da vida. 109
O relógio de sol 111
A bilha de Extremoz 115
Jasmins d'oiro, jasmins de prata 117
Presente d'anos 120
Desilusão. 123
Primeiro amor. 125
Abundância d'amor 128
Os romeiros. 131
Presumida 135
Pequena chave, que pesa muito 138
Inscrição para o vestíbulo duma casa de campo 139
Inscrição para a sepultura dum mancebo . . 140
Cegueira doce e amor constante 141
O meu anel 144
Com a mão na consciência 149

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ÈSTE LIVRO AOS TRINTA
DIAS DO MÊS DE NOVEM-
BRO DE MIL NOVECEN-
TOS E VINTE E DOIS NA
TIPOGRAFIA DA «LVMEN»,
EMPRESA INTERNACIONAL
EDITORA, SITA À RUA DE
FERREIRA BORGES, NÚMERO
CENTO E TRÊS, NA CIDADE
DE COIMBRA.